

# Abril - Franciscanos a caminho da Páscoa

O homem de hoje está desiludido com as ideologias comunitárias. O individualismo militante dos anos sessenta diluiu-se num pragmatismo desencantado, mais preocupado com o seu dia-a-dia do que com grandes projectos de transformação do mundo. O idealismo social deu lugar ao cepticismo e retraimento intimista. Pouco se pensa em conseguir grandes objectivos comuns. Os valores comunitários foram substituídos por um individualismo hedonista e permissivo, sem ideais.

Na sociedade actual pensa-se que a felicidade depende da auto-realização, e esta resulta de ser fiel a si mesmo. Para a maior parte dos mortais a autenticidade reduz-se a uma autonomia individualista, sem exageros e sem ideais, comodamente instalados e contentes com a sua mediocridade. O objectivo fundamental é sentirem-se satisfeitos consigo mesmos, evitando tudo quanto possa significar discordância, risco, sofrimento ou compromisso. Os grandes e nobre ideais de melhorar a sociedade são substituídos pelo intimismo redutor, envolvidos numa cultura de narcisismo, cedendo à tentação de se isolar, ao contacto meramente virtual que afecta menos o indivíduo, apresenta menos riscos e exige menos compromissos, às vezes nem sequer o de assumir a sua própria identidade.

O homem pós-moderno, de personalidade fragmentada, ainda não encontrou um sentido unificador para a própria vida, tem dificuldade em aceitar a sua fragilidade, os seus limites e fracassos. Trata o corpo como o que tem de mais importante para valorizar a sua identidade. Constrói uma vida ilusória e fragmentada, na busca ansiosa da felicidade momentânea, pretendendo obter tudo de imediato e sem esforço.

Esta filosofia de vida transforma a natureza, as outras pessoas e a própria divindade, em objectos a manipular. Urge uma cultura do limite e do compromisso que desenvolva uma personalidade em harmonia consigo mesmo, com os demais e com o cosmos.



## OPRIMIDOS POR «FARAÓS»

A família dos seguidores de Jesus Cristo (cristãos) vive neste mundo com a consciência de não ser deste mundo. Somos *peregrinos e estrangeiros* em busca da terra prometida, a «Jerusalém do alto», a comunhão plena com o Deus que nos criou para viver n'Ele e para Ele, para sermos n'Ele.

Agora, porém, somos povo “exilado” e oprimido por tantos «faraós»: presos ao nosso “eu” que teima em se impor e ser o centro de tudo e todos; presos à nossa vontade de se impor e construir um mundo e a família ao nosso jeito, para nos servir, para satisfazer a nossa vontade dominadora; presos à tentação de comer «do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal» domesticando o próprio Deus, os outros e a natureza; presos à aparência, preocupados em parecer sempre jovens, vestir como jovens, parecer “modernos”; presos à imagem que damos aos outros de gente com poder e influência; presos há imagem de gente com bens de que tantas vezes somos eternos prisioneiros; presos à aparência de uma família “modelo”, praticante empenhada na vida cristã, que faz tudo, e até demais, não permitindo nem estimulando a colaboração dos outros; presos a uma imagem de gente piedosa porque na vida o contra-testemunho fala mais forte; presos a um cristianismo de sacramentos e rituais onde pouco importa a vida; presos à necessidade de compensar a nossa incoerência ostentando a nossa pertença à Igreja, a movimentos, a uma Ordem, quando o coração e a vida estão distantes; presos a um cristianismo pouco ou nada semelhante à proposta de Cristo que a tantos afasta da comunidade cristã e da Fraternidade; presos a devoções e esquemas de oração sem vida que não queremos mudar e até impomos aos outros. Enfim, presos a nós e não a Jesus Cristo, modelo definitivo e acabado, que quer fazer páscoa-passagem desta forma de ser a uma vida diferente, a uma imagem de Igreja diferente, a uma Fraternidade verdadeiramente franciscana. Eternos prisioneiros em busca de liberdade.

## SOMOS CRISTÃOS FRANCISCANOS

E, porque buscamos essa liberdade, realização, felicidade, identificação com Cristo, Francisco e Clara de Assis, reconhecemos todas as prisões em que vivemos e assumimos o caminho da libertação de coração contrito e aberto à graça que Deus quer derramar sobre cada um de nós. Deus quer retirar do nosso peito o «coração de pedra para nos dar um coração de carne» infundindo em nós o seu Espírito. Deus quer fazer de nós mulheres e homens novos, nas esteiras de Cristo e Francisco, vivendo o Evangelho como «regra de vida» no século XXI.

Somos cristãos franciscanos. A partir do nosso baptismo iniciamos uma vida nova «revestidos de Cristo... uma nova criatura». Queremos manter a «túnica bran-

## temas formativos

ca dos redimidos pelo sangue do cordeiro» mas, por vezes com dificuldade, reconhecemos a distância que nos separa desse ideal de santidade, dom e privilégio. Vivemos esta luta entre o que Deus nos chama a ser e queremos ser - cristãos e franciscanos -, isto é, santos segundo a nossa vocação, e a nossa realidade de criaturas frágeis. Queremos ver cada vez melhor a nossa realidade como primeiro passo para nos colocarmos a caminho na concretização do ideal a que Cristo nos chama.

### RUMO À PÁSCOA

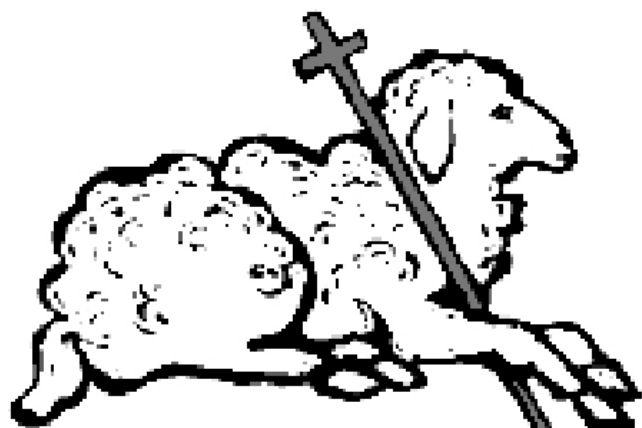
A partir de realidade que cada um vive, queremos ser as mulheres e os homens que Deus sonha, acolher e realizar esse sonho que queremos seja também nosso. Queremos correr essa maratona da vida que nos toca viver do jeito que Deus quer, em busca desse troféu imperecível «que a traça não destrói nem o tempo enferruja» e nos está reservado.

Para conseguir troféus perecíveis o atleta impõe-se privações várias e treino árduo. E nós, que fazemos para alcançar essa meta gloriosa?

A Igreja propõe-nos o tempo da Quaresma como «tempo favorável, tempo de graça» em que, pela oração, esmola e jejum, abrimos o coração a Deus e aos irmãos.

Como franciscanos, “irmãos e irmãs da penitência”, de tau ao peito, não esquecemos que nos comprometemos pelo Batismo e Profissão pública a viver em permanente estado de conversão, de renovação.

A oração coloca-nos diante de Deus para descobrirmos a sua vontade. O Jejum ajuda-nos a dominar os nossos impulsos, a disciplinar a mente para executar a vontade de Deus que se nos vai revelando na oração e nos acontecimentos. A esmola leva-nos a abrir o coração a todos os necessitados de bens materiais e espirituais, numa vida vivida e gasta em permanente doação aos outros e escuta do «Filho muito amado» que nos diz: «não temais». Na planície da vida esperam-nos dificuldades, problemas, irmãos necessitados. «Não temais, eu venci o mundo» e, comigo, todo aquele que se der até ao fim. Como Francisco continuamos a rezar: *«Ó glorioso Deus altíssimo, concede-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito a fim de que cumpra o sagrado encargo que me dá».*



## Maio - Amissão: 1º ano da visita do Papa

O papa Bento XVI esteve entre nós há um ano. Criou expectativas, encantou, entusiasmou, interpeleou no sentido de sermos fiéis hoje ao nosso baptismo, cada um segundo o seu estado de vida. Há um mundo a construir, uma missão a assumir.

### Do Evangelho de S. Mateus (28, 20):

«Ide fazer discípulos de todas as nações, ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos».

Bento XVI, no Terreiro do Paço, comenta assim as palavras de Cristo:

«Estas palavras de Cristo ressuscitado revestem-se de um significado particular nesta cidade de Lisboa, donde partiram em grande número gerações e gerações de cristãos, obedecendo ao apelo do Senhor e armados simplesmente com esta certeza que lhes deixou: «Eu estou sempre convosco». Glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé: nas cinco partes do mundo, há Igrejas locais que tiveram origem na missão portuguesa.

Nos tempos passados, a vossa saída em demanda de outros povos não impediu nem destruiu os vínculos com o que éreis e acreditáveis, mas, com sabedoria cristã, pudestes transplantar experiências e particularidades abrindo-vos ao contributo dos outros para serdes vós próprios, em aparente debilidade que é força. Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia, levai o contributo da vossa identidade cultural e religiosa. De facto, Jesus Cristo, assim como Se uniu aos discípulos a caminho de Emaús, assim também caminha connosco segundo a sua promessa: «Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos». Apesar de ser diferente da dos Apóstolos, temos também nós uma verdadeira e pessoal experiência da presença do Senhor ressuscitado. A distância dos séculos é superada e o Ressuscitado oferece-Se vivo e operante, por nós, no hoje da Igreja e do mundo. Esta é a nossa grande alegria. No rio vivo da Tradição eclesial, Cristo não está a dois mil anos de distância, mas está realmente presente entre nós e dá-nos a Verdade, dá-nos a luz que nos faz viver e encontrar a estrada para o futuro.

Para isso é preciso voltar a anunciar com vigor e alegria o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo, coração do cristianismo, fulcro e sustentáculo da nossa fé, alavanca poderosa das nossas certezas, vento impetuoso que varre qualquer medo e indecisão, qualquer dúvida e cálculo humano. A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja. Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé